

Literatura, paisagem e geografia histórica

Revisitar Miguel Torga a pretexto dos ambientes de montanha

Paulo Carvalho

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT)
Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
paulo.carvalho@fl.uc.pt

Resumo

A literatura de cariz realista, focalizada em experiências de vida relacionadas com os territórios e os lugares, configura uma importante fonte documental para a reconstituição histórico-geográfica de determinadas regiões e um registo essencial da sua memória.

O *Diário* de Miguel Torga, publicado em 16 volumes que abrangem mais de 3500 páginas, com acontecimentos datados de 1932 a 1993, é um exemplo relevante de como uma obra literária, estribada em visitas e vivências de lugares, representa também um precioso manancial de informação para o melhor conhecimento da paisagem e da sociedade portuguesa do século XX, designadamente o mundo rural e os ambientes de montanha (referências centrais no universo das viagens deste autor).

Palavras-chave: Literatura. Geografia Histórica. Dinâmicas Territoriais. Ambientes de Montanha.

Résumé

Littérature, paysage et géographie historique. Revisiter Miguel Torga ayant comme objectif les milieux montagneux

La littérature de caractère réaliste, focalisée sur des expériences de vie liées aux territoires et aux lieux, configure une importante source documentaire à la reconstitution historique et géographique de certaines régions et un registre essentiel de leur mémoire.

Le *Diário* de Miguel Torga, publié en 16 volumes qui couvrent plus de 3500 pages, avec des événements datés de 1932 à 1993, est un exemple significatif de comment une œuvre littéraire, qui se repose sur des visites et sur le vécu de lieux, représente également une précieuse source d'information pour une meilleure connaissance du paysage et de la société portugaise du XX^{ème} siècle, notamment du monde rural et des milieux montagneux (références centrales dans l'univers des voyages de cet auteur).

Mots-clés: Littérature. Géographie Historique. Dynamiques Territoriales. Milieux Montagneux.

Abstract

Literature, landscape and historical geography. Revisiting Miguel Torga on the pretext of mountain environments

Realist literature that deals with life experiences related to territories and localities is an importance documentary source for the historical-geographical reconstruction of certain regions, and an essential record of their memory.

Miguel Torga's *Diário* was published in 16 volumes and consists of over 3500 pages chronicling events from 1932 to 1993. It is a good example of how a literary work based on visits and experiences of places can represent a valuable source of information, helping to understand the landscape and society of 20th century Portugal. The emphasis here is on the countryside and the mountains (core references in this writer's travels).

Key-words: Literature. Historical Geography. Territorial Dynamics. Mountain Environments.

1. As fontes literárias na senda da percepção e do registo documental da paisagem

Aristides de Amorim Girão, em nota telegráfica, sob o título *Geografia e Literatura*, publicada em meados do século XX no *Boletim do Centro de Estudos Geográficos de Coimbra*, alertava os geógrafos para a importância dos textos literários (uma outra forma ou perspectiva de ler o território). Dizia o mestre: "Compreende-se (...) que a pura investigação geográfica se revele em muitos casos incapaz de fazer a cabal interpretação da fisionomia terrestre, e como a ciência e a arte precisam de aliar-se com o objectivo de nos darem o quadro completo das nossas paisagens" (GIRÃO, 1952: 106).

Em particular nas últimas três décadas, a geografia tem utilizado e valorizado a literatura como fonte de informação escrita para melhor compreender a linguagem de estruturação da paisagem e, assim, interpretar os traços diferenciadores que decorrem da maneira de pensar e de sentir das populações, bem como das suas concepções políticas, culturais e religiosas. RIBEIRO (1980), GARCIA (1986), SALGUEIRO e GARCIA (1988), CRAVIDÃO (1992; 2001; 2005), JACINTO (1995; 1998), GASPAS (2001), CARVALHO (2005), CHOUPIA (2005), CASTRO (2008), entre outros, através de exemplos diversificados de autores, obras e correntes literárias, demonstraram que a leitura da paisagem é uma tarefa transversal e partilhada.

O universo literário, na amplitude de correntes e temas muito variados, reflecte dinâmicas sociais, culturais e territoriais, e promove partilha de saber e experiências de vida. Ao mesmo tempo, a literatura, designadamente os géneros de maior vinculação aos contextos verídicos, transporta as pessoas através do espaço e ensina a ler a paisagem em determinado sentido.

Não obstante os romances representarem mais de 2/3 do total da produção literária (CHOUPIA, 2005), as obras literárias de cariz realista focalizadas na leitura das experiências relacionadas com os territórios e os lugares, configuram um importante recurso para a reconstrução histórico-geográfica de espaços específicos e um registo (arquivo) essencial da sua memória.

Assim acontece com o *Diário* de Miguel Torga (pseudónimo literário do cidadão Adolfo Correia Rocha). Os relatos e as observações de Torga são um manancial de informação relevante para o melhor conhecimento da paisagem e da sociedade portuguesa do século XX. Também por este motivo, o *Diário* configura um verdadeiro património literário, uma ferramenta nuclear para compreender o tempo e o espaço na encruzilhada das viagens deste grande vulto da

literatura portuguesa. Ler ou rever a paisagem, através da escrita de Torga, é um exercício fascinante de aprendizagem e um caminho muito seguro para a interpretação das suas dinâmicas.

2. O *Diário*: uma criação original do universo literário torquiano

Adolfo Correia Rocha nasceu em São Martinho de Anta, uma pequena aldeia do concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real (Trás-os-Montes), a 12 de Agosto de 1907, e faleceu em Coimbra, a 17 de Janeiro de 1995. Proveniente de uma família de camponeses, aos 10 anos vai trabalhar (como "criado") para o Porto (em casa de uns parentes). Aos 13 anos, após uma passagem pelo Seminário de Lamego, o jovem Adolfo Rocha embarca para o Brasil (Leopoldina - Minas Gerais), onde permanecerá cinco anos na fazenda de um tio paterno. Aos 18 anos regressa a Portugal, retoma os estudos (liceu) em Coimbra, a expensas do tio paterno, como recompensa pelo seu trabalho no Brasil, e apenas três anos depois ingressa no curso de Medicina da Universidade de Coimbra (que concluirá em Dezembro de 1933). Após uma passagem meteórica pela sua terra natal (final de 1933), Miguel Torga vai trabalhar como clínico geral para Vila Nova - Miranda do Corvo (Serra da Lousã), entre 1934 e 1938. Depois, regressa a Coimbra, faz a especialidade médica (final de 1938) e trabalha algum tempo em Leiria (meados de 1939 até 1941). Em 1941 muda-se definitivamente para Coimbra, onde exercerá a sua actividade profissional por mais de cinquenta anos.

Motivos profissionais (prestação de cuidados de saúde), relações de amizade e sobretudo uma paixão declarada pela descoberta e fruição da paisagem explicam a relevância de Miguel Torga entre os grandes viajantes e conhecedores de Portugal. Como confessa o próprio autor:

"Fundão, Serra da Gardunha, 4 de Fevereiro de 1945 - Pareço um doido a correr esta pátria. Do Gerez a Monchique e do Caldeirão a Borne, não tenho sossego. E nem saber ao certo para quê! Não sou geógrafo, tenho um patriotismo suspeito, sou fraco apreciador de petiscos, de modo que nem eu chego a saber por que é tanta peregrinação. (...) Talvez sem eu ter consciência disso, cultivo-me assim pelos olhos e pelos pés, no alfabetismo íntimo das cousas; expressivas na sua luz, no seu clima e no seu paralelo particular. A terra não é igual em lado nenhum (...)." (*Diário III*, 1999: 303).

"Pinhel, 21 de Outubro de 1955 - Ah, sim lá conhecer Portugal conheço-o eu! Não houve aceno de monte ou de planície a que não respondesse. Subi a

todas as serras e calcorreei todos os vales desta pátria. Por isto, quando chegar a hora da grande jornada, tenho um trunfo a meu favor que há-de desconcertar a morte: a íntima certeza de que não vou estranhar a cama seja qual for o sítio onde me enterrem!" (*Diário VIII*, 1999: 809).

A obra literária de Miguel Torga, com início em 1928, reparte-se por mais de meia centena de livros, em edições de autor, que cruzam diversos géneros: poesia, teatro, ficção narrativa, literatura de viagem e diarística. Neste percurso literário destacam-se duas obras de características marcadamente autobiográficas: *A Criação do Mundo* e o *Diário*. *A Criação do Mundo* é um romance autobiográfico, uma transposição narrativa da vida e vivências de Torga da infância até à idade adulta. O *Diário*, publicado em 16 volumes que abrangem mais de 3000 páginas, com acontecimentos datados de 1932 (3 de Janeiro) a 1993 (10 de Dezembro), é uma obra literária centrada no registo quotidiano de acontecimentos e visitas/vivências de lugares. Para além de Portugal, o *Diário* retrata outras escalas geográficas das viagens de Torga, a cerca de duas dezenas de países (Europa, Américas, África e Ásia), destacando-se Espanha, nomeadamente as regiões raianas da Galiza, Estremadura, Andaluzia, Castela e Leão, como o destino mais referenciado (cerca de 30%) no total de entradas de territórios estrangeiros (CHOUPINA, 2005).

A partir da investigação realizada por CHOUPINA (2005) é possível conhecer em profundidade a dimensão geográfica desta obra. O *Diário* apresenta quase 3000 entradas ao longo das 3244 páginas dos 16 volumes que o compõem. "A cada entrada corresponde uma referência geográfica, que quase sempre corresponde ao nome de uma localidade, mas que também pode ser o nome de uma capela, de um bairro, de um rio, de uma serra, de uma linha ferroviária, de uma província, de uma ilha. São estas referências que espacializam os registos de Torga e nos permitem ir no encaicho do próprio Autor" (CHOUPINA, 2005: 161).

Ainda segundo CHOUPINA (2005), as referências geográficas (mais de 550 distintas, o que dá uma média de 35 por volume) apresentam uma distribuição e uma frequência muito diferenciadas em Portugal Continental. A este respeito, importa destacar as seguintes evidências:

- O maior número de referências está relacionado com o espaço de residência (em particular Coimbra) e de origem (São Martinho de Anta).
- Gerês e Chaves aparecem também com uma boa representatividade pois configuram os espaços de ocasião mais frequentados, ligados ao termalismo.
- Em torno destes lugares (Coimbra, São Martinho, Chaves e Gerês) destaca-se "um conjunto de

referências-satélite, resultantes das incursões das estadas, mais ou menos longas, mas quase sempre assíduas, do Poeta" (CHOUPINA, 2005: 278).

O fascínio de Torga pelo mundo rural e pelos ambientes de montanha está bem documentado nesta obra. As serras do Minho, as elevações Transmontanas, as serranias do Centro de Portugal e em particular algumas serras de xisto da Cordilheira Central (como a Lousã e o Açor) fizeram parte dos percursos, das vivências e das reflexões do escritor.

É importante sublinhar, ainda, que a temática rural e a montanha aparecem de forma recorrente em outras obras do autor como, por exemplo, *Contos da Montanha* (1941), *Novos Contos da Montanha* (1944) e *Vindima* (1945).

3. As dinâmicas de desenvolvimento das montanhas e a percepção (através do *Diário*) de Miguel Torga

As anotações de Torga, em especial aquelas que aparecem centradas em lugares e paisagens, plasmadas no "Diário", configuram uma fonte documental muito relevante para reconstituir a evolução (e para interpretar as dinâmicas de desenvolvimento) da montanha em Portugal, entre as décadas de 30 e 90 do século XX.

Como reconhecemos em trabalhos anteriores (CARVALHO, 2005; 2008), a evolução das montanhas portuguesas pode ser enquadrada em três fases principais, relacionadas com os grandes ciclos de ocupação e organização do território nacional.

A primeira fase, que corresponde ao ciclo mais longo, configura a ocupação e a organização espacial tradicional. Agricultura, pastorícia e exploração florestal configuram a sua base de sustentação. Este modelo de organização territorial foi impulsionado desde meados do século XVI a partir da difusão de espécies alimentares provenientes do novo mundo. A análise de diversas fontes pré-censitárias, isto é, reportadas ao período que antecede a institucionalização da moderna estatística em Portugal (meados do século XIX), perseguindo objectivos administrativos, militares e religiosos, entre outros, permite comprovar esse efeito multiplicador ao nível da população e do povoamento.

Os séculos XVIII e XIX foram contemporâneos de dinâmicas industriais ou pré-industriais ligadas a recursos endógenos, como a indústria têxtil e a indústria papelreira. Mais tarde, a exploração mineira e a produção/distribuição de energia hidroeléctrica geraram algum emprego e explicam a urbanização e o dinamismo de pequenos retalhos da montanha ou da sua bordadura. Pelo menos até meados do século XX, a

montanha é sinónimo de espaço isolado, inóspito e repulsivo, aproveitável para a extracção de recursos baratos e abundantes. Esta situação é, ao mesmo tempo, resultado do papel secundário (marginal) que se atribuiu às regiões montanhosas no âmbito das políticas territoriais (CARVALHO, 2005).

As impressões de Torga sobre as montanhas, através de registos lavrados no *Diário*, desde o alvor dos anos 30, como o exemplo que vamos transcrever, confirmam a amplitude dos referidos problemas estruturais:

"Fajão [Pampilhosa da Serra], 23 de Fevereiro de 1945 - Depois de seis tentativas, consegui, finalmente chegar a esta terra que encheu a Beira-Serra de anedotas e de riso. (...) E dei com uma povoação morta, nem inteiramente coberta de lousa, nem inteiramente coberta de telha, indecisa sobre a ponte da vida, sem um morador sequer com coragem para escolher entre os mitos velhos e os mitos novos. Nem acreditam nos aviões que passam no céu, nem na pedra bolideira que lhes oscila sob os pés. Houve um salto brusco de mais na aprendizagem ruminante que iam fazendo da técnica e da cultura. Passaram do carro de bois às fortalezas voadoras sem a transição do comboio e do automóvel. De maneira que perderam o pé, e olham com a mesma desconfiança as asas do futuro e os tamancos do passado." (*Diário III*, 1999: 302).

O sentimento de isolamento e de abandono é reforçado em anotações de visitas, nos anos 40, às montanhas do Alto Minho (referência regular de meados de 40 ao final dos anos 70, relacionada com a frequência da estância termal das Caldas do Gerês):

"Gerês, Vilarinho da Furna, 25 de Julho de 1945 - (...) A Serra Amarela é um dos ermos mais perfeitos de Portugal. Situada entre o Gerês e o Lindoso, as suas dobras são largas, fundas e solenes. (...) Não há estradas, senão as da raposa matreira, nem pousadas, senão as cabanas dos pastores. É o Portugal nuclear, a Ibéria na sua pureza essencial e granítica." (*Diário III*, 1999: 312).

"Castro Laboreiro, 24 de Agosto de 1948 - Estas pequenas comunidades que nos restam, Rio de Onor, Vilarinho da Furna, Laboreiro, etc., estão na última agonia. O Estado já não as pode tolerar, alheias à vida da nação, estrangeiras dentro do próprio território." (*Diário IV*, 1999: 425).

Esta derradeira ideia de Torga inscreve-se no contexto da crise das actividades tradicionais (que durante séculos alicerçaram a economia da montanha) e do intenso êxodo rural que afectou a maioria da população, com particular intensidade entre 1940 e 1980. As montanhas, nesta segunda fase, transformam-se em espaços despovoados, vazios, "apagados" e envelhecidos (CARVALHO, 2005).

O declínio das montanhas acompanha a crise do sistema rural (que se generaliza no país), que por sua vez se manifesta no desaparecimento de modos de vida seculares e de formas de organização do território, através das quais se expressavam as relações harmoniosas mantidas entre a sociedade e o território, ao longo do tempo. Factores externos como a florestação estatal dos baldios serranos (terrenos municipais utilizados de forma livre pela população) e os aproveitamentos hidroeléctricos contribuíram também para alterar esse equilíbrio ecológico.

A título de exemplo, recuperamos dois extractos literários do *Diário* muito expressivos do estado de alma de Torga relativamente aos efeitos antagónicos de algumas destas medidas na montanha do Centro de Portugal:

"Serra da Lousã", 18 de Fevereiro de 1949 - O homem do passado viu estes montes cobertos de carvalhos, e o futuro há-de vê-los cobertos de pinheiros. Dantes, a natureza na sua espontaneidade; amanhã, a natureza disciplinada e utilizada. Por isso, quero gozar este último e fugidio momento de vê-la gasta e delapidada (...). Serras nuas, esqueléticas e ossudas, mas de uma beleza que nem o passado viu, nem o futuro há-de adivinhar." (*Diário IV*, 1999: 453).

"Vidual de Baixo... de água", 9 de Maio de 1943 - Escrevo ao lado de um cego e, como ele, olho sem ver o tamanho físico da desgraça. O mar inexorável cresce de minuto a minuto, engole as casas, afugenta os santos das igrejas, mas o meu espírito recusa-se a abranger a grandeza material da avalanche! E não são as expropriações baratas, o esquecimento de que havia reparações morais a considerar, nem outras coisas assim que se inibem. É a catástrofe em si, o fenómeno, o aparecimento insólito e demoníaco de um lago num sítio que desde o quaternário foi sempre de courelas, soitos e penedias." (*Diário II*, 1999: 255).

Com perspectivas de trabalho praticamente inexistentes, a população serrana intensifica a sua mobilidade, alimentando os movimentos migratórios internos (com destaque para a região de Lisboa) e externos (em particular o Brasil e os Estados Unidos da América, até meados do século passado, quando a França e a Alemanha, na atmosfera de reconstrução da Europa Ocidental, marcam os novos destinos da emigração portuguesa). O efeito mais preocupante deste fenómeno é o seu carácter selectivo, já que afecta, principalmente, os grupos de população mais jovem, os de maior capacidade produtiva e reprodutiva (ARAQUE JIMÉNEZ e PLAZA GUTIÉRREZ, 2004).

Como já referimos, Torga percebeu e denunciou o isolamento, o esquecimento, o abandono e as dificuldades de vida dos espaços de montanha. Ao mesmo tempo, a montanha permanece como temática

marginal no quadro das políticas de desenvolvimento. Os grandes investimentos (públicos e privados) privilegiaram o litoral, impulsionados por uma ideologia de crescimento urbano-industrial, descendente e ditatorial, que foi completamente cega em relação aos problemas e às especificidades de um Portugal rural que, na ausência de políticas e instrumentos territorializados, estava condenado a desaparecer na sua configuração secular. Evocamos e acompanhamos o pensamento do escritor, através de dois registos muito expressivos dessa realidade:

"Castelo Mendo, 25 de Outubro de 1970 - Paro alguns instantes a enxugar a testa, cansado de saltar paredes esbarrondadas, de atravessar leiras a monte, de ladear aldeias desertas - o que resta das terras do Côa, que o nosso rei D. Dinis com tanto trabalho juntou a Portugal. Sei que metade da nação está condenada ao dente roaz dos matagais, por não ser possível nela qualquer cultivo económico, e que ainda temos um milhão de portugueses a mais a lavar seixos. Mas uma coisa é o aproveitamento racional do território pátrio, com a deslocação ordenada dos respectivos habitantes, e outra o abandono anárquico do solo e a emigração maciça das populações. (...) Estes muros caídos, estas courelas recusadas e estas aldeias vazias são o testemunho vivo de uma política sem horizontes, sem patriotismo e sem fraternidade." (*Diário XI*, 1999: 1199).

"Cadaval, Miranda do Corvo, 26 de Outubro de 1980 - Mais um triste sinal dos tempos pátrios. Tantas vezes aqui vim em missão médica dar ânimo ao desespero e ajudar a nascer a esperança, e agora pareço um sonâmbulo a deambular por uma aldeia fantasma, deserta, comida de silvas. A escola lá está caída ainda, inútil, com o mastro da bandeira nacional a apodrecer. A bica da fonte: canta no largo como outrora, mas ingloriamente. Ninguém lhe bebe a frescura. E a capela desmorona-se em frente, numa melancolia dessacralizada que os santos reforçam no interior sombrio, abandonados pelos fiéis. Um palco ainda quente de todas as paixões humanas, e já arqueológico." (*Diário XIII*, 1999: 1431).

A terceira fase evolutiva, desde a segunda metade da década de 70 (século XX), está relacionada com o interesse crescente dos territórios montanhosos por parte da população urbana. O título "da montanha produtiva à montanha recreativa" enquadra o que de mais importante marca a evolução do perfil territorial e a renovação da imagem da montanha, sendo que estes são indissociáveis da emergência de um novo sistema social de valores e de práticas turísticas e recreativas. Os recursos da montanha mais valorizados socialmente afastam-se dos valores produtivos (ligados às terras, pastos e florestas), embora se reconheça o

papel desse espectro para a manutenção da paisagem e a importância estratégica dos recursos florestais, minerais, hídricos e eólicos (CARVALHO, 2008). A apropriação da montanha é comandada do exterior e a população urbana procura a montanha para (re)criar refúgios (MORENO, 1999) que ocupa de forma permanente (neorurais), ou utiliza no âmbito dos tempos livres (residência secundária, turismo, desporto, visitas culturais, entre outras).

Este último período está pouco documentado na escrita diarística de Torga. Os registos da transição funcional e dos novos usos da montanha são escassos no *Diário*, seja pelas limitações de saúde e a redução da mobilidade (em especial a partir de meados de 80 - *Diário*, volumes XIV, XV e XVI) quando as habituais referências à Beira Serrana e Interior praticamente desaparecem, seja pelo carácter subjectivo das anotações e dos temas que despertaram o interesse do autor.

As preocupações de Torga permanecem centradas nos efeitos negativos da transformação contínua e irreversível do mundo rural, designadamente a morte anunciada dos velhos ofícios (por exemplo, a partir de anotações em São Martinho, no início dos anos 80), o desordenamento do território e a descaracterização da paisagem (incluindo o seu torrão natal):

"São Martinho de Anta, 22 de Dezembro de 1975 - Portugal transformado num paradoxo: ou assombrado por aldeias mortas, as silvas a apertar num abraço maninho paredes encardidas que cercam calor humano, ou embandeirado de moradias exóticas que parecem alucinações de arco-íris. A avalanche emigratória, transplantando brutalmente para as grandes metrópoles europeias populações inteiras que nunca tinham saído do seu agro, foi catastrófica para o equilíbrio corográfico do país". (*Diário XII*, 1999, 1314).

"Pampilhosa da Serra, 25 de Novembro de 1979 - Ao cabo de muitos e afanosos anos a percorrer Portugal - as suas mais recônditas aldeias visitadas, as suas mais secretas intimidades surpreendidas - chego a esta triste conclusão: de tudo o que fomos, restam-nos apenas a paisagem e a língua. O resto foi-se. As rodas e as asas do progresso, a rádio, cinema, televisão, a onda de retornados e o fluxo e refluxo de emigrantes subverteram e desfiguraram irremediavelmente a nossa realidade social cultural. Usos e costumes pervertidos, arquitectura adulterada, memória perdida dos valores ancestrais. Terras que conheci arcaicas há uma dúzia de anos, estão hoje irreconhecíveis. E quem queria encontrar ainda em qualquer parte testemunhos da nossa identidade tem de olhar os panoramas e de ouvir falar. O chão e o verbo. Só neles persiste a pátria primordial como latência e vestígio." (*Diário XIII*, 1999: 1411).

"Foia, Monchique, 14 de Agosto de 1977 - Portugal é isto: um panorama inolvidável. Um panorama que começa em Santa Luzia, no Minho, e chega a esta Foia do Algarve, onde estou batido pelo vento, deslumbrado, a encher os olhos de montes e vales, de rios e mar, como só os há nesta pátria bendita. Não temos civismo, não temos riquezas, falta-nos juízo, Mas deu-nos Deus um caleidoscópio corográfico único no mundo para suprir o resto." (*Diário XIII*, 1999: 1351).

"Pico do Areeiro, 28 de Agosto de 1980 - A Madeira que eu amo verdadeiramente, que não me canso de admirar, que não tem comparação com outra qualquer realidade geográfica minha conhecida. Que se não deixou corromper por nenhum turismo, que se mantém ciclópica, abissal, rebeldemente estéril e inacessível. (...) Que não cabe nos olhos que a vêem e nas palavras que a descrevem. Que é uma espécie de alucinação da natureza." (*Diário XIII*, 1999: 1426).

O sentido crítico sugere que o autor não pretendeu ser cúmplice através do silêncio. Antes, preferiu denunciar as desigualdades de oportunidade dos territórios e das populações, cultivando até ao fim uma paixão centrada na "pureza e largueza de horizontes" (*Diário X*, 1968: 50), na língua e nos símbolos históricos e arquitectónicos da nação, como também depreendemos das seguintes anotações:

"Linhares, 16 de Novembro de 1986 - Aqui ando num pânico fervor a visitar estas terras velhas de Portugal. É na sua autenticidade que se fortalece a minha esperança inquieta. Apesar dos remendos de cimento e telha Marselha, são elas a imagem castiça da nossa soberania. (...) O capital não tem pátria ou tem a pátria que mais dá. Desta vez não será necessário também herdar e conquistar. Bastará pagar bem. Mas a perdição só poderá consumir-se se o povo se esquecer dos seus valores, simbolizados nos castelos, nas igrejas matrizes, nos pelourinhos (...). São esses monumentos de vontade, de fé, de equidade e de concertação que inventario incansavelmente." (*Diário XIV*, 1999: 1566).

"Tinhela, Chaves, 8 de Setembro de 1989 - Cá ando a inventariar, numa ternura estrangulada, o Portugal remoto e arcaico que nos resta. Um Portugal sóbrio e digno, de solares arruinados e calçadas gastas pelos socos do tempo, que porfia na sua identidade profunda, a respirar a custo ao lado dum outro espalhafatoso e presumido que o nega de raiz e é apenas uma pátria de férias.

Velhos e velhas dormitam aninhados nas soleiras das portas. E são eles a bússola a que recorro para me orientar nos caminhos que levam a terras vizinhas também assim espectrais e desfiguradas." (*Diário XV*, 1999: 1666).

"Piódão, 7 de Abril de 1991 - Com o protesto do corpo doente pelos safanões tormentosos da longa caminhada, vim aqui despedir-me do Portugal primevo. Já o fiz de outras imagens da sua configuração adulta. Faltava-me esta do ovo embrionário." (*Diário XVI*, 1999: 1710).

4. Conclusão

A literatura de recorte realista configura uma importante fonte para a reconstituição histórica da ocupação e organização do espaço geográfico. A obra de Torga, em especial o *Diário*, a partir do registo de acontecimentos e vivências de lugares, é um recurso muito relevante para compreender a evolução do espaço nacional no período de 1930 até quase ao final do século XX. O *Diário* é um património literário e uma memória atenta, crítica e criteriosa dos processos de mudança em Portugal nas últimas décadas. É este o seu grande mérito.

Minho, Trás-os-Montes e Beiras reflectem o fascínio de Miguel Torga pelo mundo rural e pelos ambientes de montanha. As anotações e as preocupações do escritor, reflectindo os valores que estribaram a sua passagem terrena, enfatizam as dificuldades de vida, o isolamento, o esquecimento, o declínio, o abandono e a degradação paisagística da montanha.

No crepúsculo de uma longa caminhada, e de seis décadas de registos no *Diário*, com a amplitude e a intensidade das transformações que marcaram o seu tempo, notamos que Torga é um homem amargurado, descontente com os novos valores e as transformações paisagísticas. Depreende-se um sentimento de insatisfação e uma vinculação do autor aos lugares, às paisagens e aos valores de sempre.

A veneração pelos alicerces mais arcaicos da identidade e da memória nacional conduziu Miguel Torga aos lugares mais recônditos e simbólicos de Portugal. Nessa "peregrinação corográfica da sua geografia literária" (CHOUPIA, 2005), os ambientes de montanha são referências incontornáveis.

Referências Bibliográficas

- ARACQUE JIMÉNEZ, Eduardo e PLAZA GUTIÉRREZ, Juan Ignacio (2004) - *La imagen de la montaña. Principales manifestaciones de cambio y argumentos explicativos*. (In <http://www.age.es/montañasespañolas>; consulta a 20.11.2004).

- BAILLY, Antoine (2001) - "L'humanisme en géographie". In BAILLY, A. et al. - *Les Concepts de la Géographie Humaine*. Paris, Armand Colin, pp. 213-222.
- BARRETO, António (1996) - "Três décadas de mudança social". In BARRETO, António (org.): *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- BOIRA, J. et al. (1996) - "Las fuentes literarias y documentales en geografía". In JIMENEZ, M. et al. (ed.) - *Enseñar Geografía. De la Teoría a la Práctica*. Madrid, Editorial Síntesis, pp. 277-295.
- BROSSEAU, M. (1994) - "Geography's literature". *Progress in Human Geography*, vol. 18, n° 3, pp. 333-353.
- CARVALHO, Paulo (2005) - *Património cultural e dinâmicas de desenvolvimento em áreas de montanha. O exemplo da Serra da Lousã*. Dissertação de doutoramento em Geografia apresentada à Faculdade de Letras, Coimbra, 657 p.
- CARVALHO, Paulo (2008) - "Questionando as trajetórias e as perspectivas de desenvolvimento das áreas de montanha em Portugal - entre marginalização e integração territorial". In VALENÇA, Márcio (Coord. e Org.) - *Globalização e Marginalidade. Desenvolvimento, na teoria e na prática*. Natal, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil), pp. 935-946.
- CASTRO, Fátima Velez de (2008) - "A linguagem da mobilidade em territórios periféricos. Perspectivas geográficas no conto "O Largo", de Manuel da Fonseca". *Cadernos de Geografia*, nº 24/25, Coimbra, 2007, pp. 57-66.
- CHEVALIER, M. (2001) - "Géographie et Littérature". *La Géographie, Acta Geographica*, nº 1500, Paris.
- CHOUFINA, Francisco (2005) - *O lugar do meio. Uma leitura geográfica da obra de Miguel Torga*. Dissertação de mestrado em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras. Coimbra, 331 p.
- CLAVEL, Paul (2003) - "El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio". *Boletín de la A.G.E.* (Asociación de Geógrafos Españoles), nº 34 (2002), pp. 30-39.
- GARCIA, João Carlos (1986) - "Éça de Queiroz na Aquitânia. O turismo no final do século". *1ª Jornadas de Estudos Norte de Portugal/Aquitânia*. Porto, pp. 381-395.
- CRAVIDÃO, Fernanda (1992) - Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol - Aveiros". *Cadernos de Geografia*, nº 11, Coimbra, IEG/FLUC, pp. 37-47.
- CRAVIDÃO, Fernanda e MARQUES, Marco (2001) - "Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro". *Cadernos de Geografia*, nº 19, Coimbra, IEG/FLUC, pp. 23-27.
- CRAVIDÃO, Fernanda (2005) - "Território e sociedade: passageiros de viagens literárias". In VALENÇA, M. e COSTA, M. H. (orgs.) - *Espaço, cultura e representação*. Natal, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pp. 29-50.
- JACINTO, Rui (1995) - "As outras geografias: a literatura e as leituras do território". *Cadernos de Geografia*, nº 14, Coimbra, IEG/FLUC, pp. 139-142.
- JACINTO, Rui (1998) - "O itinerário de Fernando Namora e a geografia da sua obra". In REIS, P. (coord.) - *Fernando Namora, nome para uma vida*. Câmara Municipal de Castelo Branco, pp. 20-37.
- GASPAR, Jorge (2001) - "O Retorno da Paisagem à Geografia. Apontamentos Místicos". *Finisterra*, XXXVI, 72, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos/FLUL, pp. 83-89.
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1952) - "Geografia e Literatura". *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 4/5, Coimbra, Faculdade de Letras, pp. 105-107.
- LOURENÇO, Eduardo (1995) - "O Portugal de Torga". *Colóquio/Letras*, nº 135/136, Lisboa.
- RIBEIRO, Orlando (1980) - "Camões e a geografia". *Finisterra*, vol. XV, nº 30, pp. 153-199.
- ROCHA, Clara (2000) - *Miguel Torga. Fotobiografia*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- SALGUEIRO, Teresa Barata e GARCIA, João Carlos (1988) - "Lisboa nos fins do século XIX. Geografia de uma transição". *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, vol. II, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 399-410.
- TORGA, Miguel (1999) - *Diário* (vols. I a XVI). Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2.ª edição integral, 1786 p.

Agradecimento

Importa agradecer ao colega e amigo Francisco Choupina a cedência de um conjunto de anotações de Miguel Torga sobre a Cordilheira Central, com base nas obras *A Criação do Mundo* e o *Diário*. Corria o ano de 2003. Essa informação foi de grande importância para a nossa dissertação de doutoramento e permitiu, algum tempo depois, com renovada pesquisa e reorientação temática, a estruturação do presente texto.